

resenha

VACCA, Giuseppe. **Por um novo reformismo**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira; Rio de Janeiro: Contraponto, 2009

Por um novo reformismo é preciso acertar as contas com o passado

Cássio Augusto Guilherme*



O livro “Por um novo reformismo”, do presidente da *Fundação Instituto Gramsci*, o italiano Giuseppe Vacca, recentemente lançado pela Editora Contraponto e pela Fundação Astrojildo Pereira, ligada ao PPS (Partido Popular Socialista – Brasil), traz uma interessante e profunda análise da história política da esquerda italiana e também europeia, no pós-segunda guerra. Em tempos de polêmica sobre o caso “Cesare Battisti”, o livro de Vacca pode ajudar a compreender alguns dos principais desafios da esquerda diante da globalização e da realidade da União Europeia no contexto da volta da direita italiana ao poder com o magnata Silvio Berlusconi e do fim do histórico PCI (Partido Comunista Italiano) e recente criação do PD (Partido Democrático).

O livro é dividido em dez capítulos, e composto por trabalhos publicados por Vacca nos últimos dez anos, sendo inéditos apenas os dois últimos. O trabalho de é precedido por uma apresentação de Alfredo Reichlin, feita especialmente para a edição brasileira, acerca de sua percepção do período tratado no livro e também por ele vivido enquanto membro do PCI. Já no

prefácio do livro, o autor reconhece-se como togliattiano e gramsciano, além de assinalar as questões teóricas e históricas pela qual perpassa todo o trabalho.

De antemão, é importante assinalar que foram os partidos antifascistas que deram corpo à república italiana no pós-segunda guerra. Embora o maior destes partidos fosse a DC (Democracia Cristã), foi o PCI o único partido comunista em toda a Europa a constituir-se em segunda força do jogo político democrático, dando a Itália e a sua república uma característica peculiar; debatida com muito afinco por Vacca neste livro.

No primeiro capítulo, é analisada a cultura política do PCI comandado por Palmiro Togliatti, seu plano teórico da “via italiana para o socialismo”, que para Vacca já poderia ser conceituada como reformista, ou seja, o “socialismo como processo de transformação das instituições econômicas, políticas e sociais, no contexto de uma república democrática” (p.53). Além disso, há uma discussão sobre o caráter de “dupla lealdade” a que estava inserido o PCI, isto é, seu compromisso com a constituição democrática italiana e sua filiação ao movimento comunista internacional, que acabou por minar a sua legitimidade interna. Interessante também neste capítulo é o debate teórico sobre reformismo, tendo os

escritos de Antonio Gramsci como pilar. Já o segundo capítulo, trata da política do PCI na década de 1970, época de grande agitação social, luta armada tanto à direita quanto à esquerda, seqüestros e assassinatos. Merece destaque a leitura que apresentada acerca da crise institucional pós-eleições de 1976 onde havia dois vencedores: PCI e DC, e que levou o primeiro a adotar uma estratégia de “compromisso histórico”, isto é, a tentativa de aproximação com o segundo, em favor da governabilidade política italiana.

Terceiro e quarto capítulos tratam do contexto sócio-político-econômico da Europa. Para Vacca, o século XX é marcado pela crise do Estado-nação, onde os recursos decisórios aos quais os Estados estavam acostumados a lançar mão, não mais são suficientes para promover o desenvolvimento, o que haveria desembocado em uma crise da democracia. Tal processo atinge principalmente as esquerdas, que deveriam ter redefinido suas estratégias e atuado supranacionalmente. Neste sentido, o quarto capítulo refaz a trajetória da cultura da esquerda européia dos anos 1930 aos anos 1980, ou seja, do reformismo nacionalista para o europeísmo socialista. Já o quinto capítulo aborda as novas elaborações estratégicas do PCI no seu Congresso de 1989, que teve como inovação principal a distinção mais nítida entre Estado e governo e uma visão da democracia como meio e fim. Nas palavras de Vacca, “no final dos anos oitenta a evolução política do PCI chegou a tal ponto que ele não mais podia ser considerado um partido comunista” (p.137).

Os capítulos seis, sete e oito estão inseridos dentro de uma temática comum: o resgate historiográfico do

século XX. No primeiro deles é tratada a questão da nação italiana, e o “revisionismo” historiográfico que tentou por em debate o valor do antifascismo na Constituição elaborada no pós-segunda guerra. No sétimo capítulo, Vacca propõe à esquerda, rever a história do século XX para além da contraposição entre Capitalismo e Socialismo, tão presente na época da Guerra Fria e, com isso, definir o papel cultural do novo partido. Por fim, há um apanhado histórico sobre o reformismo europeu ao longo do século XX, desde as experiências dos anos trinta, os embates antifascistas, passando pelo conflito econômico instalado pelo fim do sistema de *Bretton Woods* e o fim da Guerra Fria. Por fim, o capítulo é concluído com uma reflexão sobre o interesse nacional e o interesse comum europeu diante dos desafios atuais.

O nono capítulo aborda as respostas que o socialismo europeu precisou buscar para enfrentar a globalização e a “revolução neoconservadora” da década de 1980, que proclamava o fim da história diante de uma suposta vitória do capitalismo, em um momento que a formação da União Européia exigia cada vez mais das esquerdas do continente uma nova estratégia política.

Finalmente, o último capítulo do livro é dedicado a trajetória que levou o PCI a fundir-se com outras legendas e grupos progressistas e democráticos, até chegar ao atual PD, muito embora os contrários tenham formado o PRC (Partido da Refundação Comunista). Interessante que o texto perpassa toda a história política italiana da década de 1990 e do início deste novo século, o que nos permite visualizar as idas e vindas de Silvio Berlusconi e Romano Prodi no comando do governo italiano. Com o nascimento do PD, segundo Vacca, fundiu-se o “reformismo socialista e o

reformismo católico numa medida que não tem precedentes na história dos partidos europeus” (p.251); soma-se a isso o fato de o PD nasce, e disto deriva seu grande desafio, em uma época diferente daquela em que surgiram os principais partidos reformistas da Europa.

Enfim, Giuseppe Vacca reconstrói a história/trajetória da esquerda italiana e

suas ligações com o contexto europeu, para explicar/justificar a criação do PD. O “novo reformismo”, segundo o autor, deve partir da idéia de que o cosmopolitismo da economia não mais pode ser combatido com o nacionalismo da política, exigindo por parte da esquerda italiana, e porque não dizer também, a mundial, uma nova estratégia política para o século XXI.

* **CÁSSIO AUGUSTO GUILHERME** é Bacharel em Direito e graduando em História pela FAFIPA (Paranavaí-PR).